

# FMI rejeita negociação em bloco com América Latina

CIDADE DO MÉXICO — O Fundo Monetário Internacional (FMI) se recusa a fazer renegociação em bloco da dívida externa dos países em desenvolvimento — principalmente os da América Latina e reitera que o problema deve ser estudado caso por caso, “mediante acordos sensatos”. Essa decisão consta de documento assinado pelo Diretor-Gerente do Fundo, Jacques de Larosière, distribuído ontem aos 146 países-membros.

A posição do FMI contraria a carta conjunta do Brasil, México, Argentina e Bolívia, que deverá ser

reapresentada quarta-feira próxima, em Londres, antes da reunião de três dias dos sete maiores países industrializados. O documento defende a revisão em bloco dos problemas econômicos latino-americanos. A dívida da América Latina totaliza US\$ 350 bilhões. Brasil, México e Argentina são responsáveis por dois terços. O Brasil é o maior devedor, com US\$ 96 bilhões.

No documento, Larosière reconhece que as recentes crises provocadas pelas dívidas dos países em desenvolvimento plantaram as sementes de um grave perigo para o sistema

financeiro internacional, com reflexos no comércio exterior. Reconhece ainda que as possibilidades do encontro de soluções capazes de equacionar os problemas de forma ordenada se exauriram, devido à recessão e à considerável restrição dos créditos comerciais.

Mas Larosière não abre mão das teses-mestras do Fundo e afirma:

— Um crescimento econômico firme nos países industrializados teria uma repercussão importante no quadro dos pagamentos a serem feitos pelas nações devedoras. Nos países mais endividados, a adoção

de rígidos programas de ajuste constitui a base para seus problemas.

De acordo com Larosière, a maioria dos Países latino-americanos que aplicam programas traçados pelo FMI — principalmente Brasil e México — conseguiram alcançar “considerável redução” das pressões deficitárias em suas finanças, “que basicamente são a causa de seus problemas”. Larosière mantém esse ponto-de-vista mesmo reconhecendo que “não são fáceis” os sacrifícios a que as nações endividadas tem de se submeter para dar andamento ao programa de ajuste.

“Os governos da América Latina, diante da opção de alimentar seus povos ou pagar suas dívidas aos banqueiros estrangeiros, vão primeiro garantir a comida da população”

MANUEL ULLOA, Primeiro Ministro do Peru (em Miami, ontem, comentando a decisão do FMI)

